

DOS CAMPOS DE PEDRA: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA DE CANUDOS

**Departamento de Antropologia e Mestrado em Sociologia/UFBa*

Edwin Reesink*

Em 1897, um jovem holandês de menos de vinte anos retornou ao seu trabalho, no interior da Bahia, no que denominou de "os campos crus" (Verschuur: 13). Os campos em questão consistiam das áreas no interior bahiano aonde se garimpava pedras semi-preciosas e preciosas crus. O jovem Nicolaas Verschuur e um companheiro se fixaram na região da Caetité, representantes de uma firma de Amsterdam interessada num fluxo regular de todo tipo de pedra para a lapidação e venda na matriz. Chegaram na metade do ano, depois de uma longa e cansativa viagem de tropa de burro em que levaram consigo toda espécie de material, ausente nos pontos de venda precárias de uma região ampla, desde utensílios de cozinha, remédios, e até uma lampada que não produz uma fumaça inconveniente. O "cru", no sentido de não lapidado das pedras, se refere, não estando claro se intencionalmente (mas, dado seu senso de humor, é provável), ao estado "não polido" da sociedade e natureza, bastante afastado das benesses da civilização. Num outro sentido, como observa o organizador do volume das cartas mandado pelo jovem, todo o Brasil constitui um um campo cru, ou seja, um material cru para suas cartas do Brasil (Willemsen em Verschuur: 11). De 1897 até 1902, o holandês mandou sessenta cartas, que foram publicadas num jornal na Holanda e umas quarenta foram selecionadas para a atual coletânea, sendo a maioria sobre o Brasil e uma parte menor sobre outros países da América do sul.

As cartas relatam eventos ocorridos na vida cotidiana, sendo o pivô, naturalmente, tudo que afeta ao estrangeiro, seu companheiro e suas atividades decorrentes do empenho comercial. Evidentemente, o ambiente natural e social do interior da Bahia se afastava em muito de um clima marítimo holandês e uma

cultura bastante marcada pelo protestantismo e, portanto, as diferenças existentes foram facilmente percebidas e apresentadas para os leitores do diário. Tal distância, porém, não redundou numa atitude fortemente condenatório do ambiente social diferenciada. Apesar de discordar, note-se, na maioria dos casos, uma certa tolerância e senso de humor para com os costumes estranhos brasileiros, geralmente contando-se os acontecimentos num modo mais para um understatement, com leve ironia, do que de uma rejeição completa. Na verdade, trata-se de uma pessoa tranquila que narra suas histórias sem exageros, sem maiores rodeios, sem floreios e sem pretensão nenhuma de escrever literatura, somente pretendendo oferecer ao leitor uma janela para uma vida em condições não conhecidas na Holanda. Assim, sua prosa é clara e concreta, além de que, embora, como não pode deixar de ser, evidencia seus pontos de vistas civilizatórios,, muito simpático, humanista e humano para com os brasileiros com quem conviveu (a não ser no caso de excessos). Fez lá, como diz o organizador do volume, realmente sua casa (Verschuur: 10).

As suas observações, de um morador 'viajante', adquirem, dessa maneira, um interesse sociológico. Como começou suas reportagens no ano da Guerra de Canudos -- ajudado pelo fato de não ser mais novato na região--, era inevitável que o grande acontecimento aparecesse no seu relato. Após descrever a viagem e a instalação numa boa casa (sem piso, janelas ou mobília confortável), o autor comenta a ausência de padrões alimentários europeus da cozinha e a ausência de outros estrangeiros. Caracteriza, então, o povo:

“O povo é muito supersticioso, eles se satisfazem com um salário extremamente pouco, o número incontável de dias santos é, para eles, uma razão agradável para esperar, num descanso santo, o próximo dia santo. Um homem que empreende alguma atividade durante três dias da semana é uma mula de trabalho” (Verschuur: 14; todas as citações são traduções minhas).

Depois de descrever o povo nos termos que mais chamam atenção para a ética de trabalho holandês (fé e trabalho), mas que deve ter fundamento empírico, continua sua apresentação ao apontar a riqueza mineral da região e o fato que todo mundo lhes trazem toda espécie de pedra para vender, gerando a alegria das crianças quando algo aproveitável é comprado. Ou seja, condições para seu trabalho de comprador existem e justificam sua presença 'em campo'. Mas, então, depois da economia e influência religiosa sobre este, surge o político e, logo, Canudos.

"A situação política aqui na província da Bahia é extremamente confusa, os ânimos estão muito exaltados, neste momento em que as tropas do governo não conseguiram, até hoje, submeter o demagogo religioso Antônio, que arrebanhou milhares de homens e mulheres. A população vê em Antônio Conselheiro, que, afortunadamente, fez seu quartel-geral em Canudos, muito longe daqui, um ser sobrenatural e, várias vezes já, quando eu ouvia, sacodindo a cabeça em sinal de descrédito, relatos de todos os milagres deste apóstolo, as mulheres se dirigiram a mim: E quem sabe se o Conselheiro não é o Santo Antônio" (frase em português no original; Verschuur: 14).

O autor não era fã de que considerava atitudes extremistas, nem de uma religiosidade extremada e lardeada de milagres, numa postura de uma religiosidade menos dada as intervenções imediatas do Senhor no cotidiano. Mas, observe-se a sua honestidade quanto à reação das mulheres quando manifestava sua opinião. Documenta, portanto, que a fama de Antônio Conselheiro se espalhou muito longo pelo interior da Bahia. Até no sudoeste baiano, várias centenas de quilômetros a população, sem dúvida por meio de boatos e informação passada de boca em boca e por viajantes, firmou a idéia de ser uma pessoa com 'santidade', possivelmente até sendo o próprio santo do seu nome. O conceito de santidade que se exprimia nas conhecidas expressões Bom Jesus Conselheiro, uma certa identificação popular com Jesus, aqui, no final de um longo processo de transmissão de informação, se expressa numa outra variante.

Variante aliás que evoca apelidos aparentemente mais comuns no início de carreira do Conselheiro, ou seja, Santo Antônio dos Mares ou Santo Antônio Aparecido. Evidencia-se, de qualquer modo, como o povo no interior participava de uma mesma religiosidade e considerava seriamente os milagres atribuídos e a santidade possível de um ser humano que se destacava por estas qualidades excepcionais. O que se pode presupor como longas linhas de transmissão de boatos, e os relatos do autor frisam as dificuldades e a lentidão das viagens no interior, terminam por disseminar informações diversas, algumas totalmente distorcidas, mas dadas como verdadeiras:

"Numa cidadezinha vizinha, uns trinta quilômetros daqui, fiquei sabendo que Antônio nasceu numa família rica na província de Pernambuco. Ele casou muito cedo, muito contra a vontade de sua mãe despótica, com uma moça pobre. Já que sua mãe tinha-lhe destinado a uma jovem senhorita rica, ela matou a moça pobre. Antônio virou louco de tristeza, se vestiu de um hábito de monge e vivia como eremita em regiões inacessíveis. Após alguns anos, ele apareceu de novo, se apresentou como apóstolo, proibiu de pagar impostos e congregou milhares de seguidores em torno de si" (Verschuur: 14).

Pernambucano, rico, casado muito cedo com uma moça pobre, a influência da mãe e a sua oposição ao casamento, favorecendo um casamento arranjado, o assassinato da esposa, tudo isso são ingredientes de um mito de origem e não exatamente os 'fatos' estabelecidos para a vida do Antônio Maciel. A história é uma variante da narrativa bem mais conhecida que atribuiu a morte da mãe ciumenta ao próprio Antônio. Aqui, a oposição entre rico e pobre, mais, entre famílias de níveis diferentes fundamenta um conflito entre a lógica de reprodução social de classe e sentimentos românticos individuais. Como num conto tradicional, o rico casa com a pobre mas a lógica familiar, expressa no seu símbolo focal, a mãe (tida como a guardiã da família e de sua reprodução), impede um fim feliz ao apelar pela violência (violência, aliás, endêmica no sertão e ligado, de fato,

aos conflitos entre famílias, como demonstra o autor e a luta dos Macieis em Ceará). Bloqueado numa trajetória normal de 'homem de família', a tristeza do Antônio causa seu afastamento de todo contato social. Um renunciador, nas palavras de Da Matta, na visão imaginado do povo de sua carreira, em que o Antônio se distancia completamente do mundo social comum, passando um tempo fora da sociedade cotidiana. Nisso, o tempo na margem remete ao símile óbvio dos profetas, Jesus, os eremitas cristãos e certos santos. O tempo de eremita no deserto o credencia para resurgir transformado, um outro homem, uma pessoa que não é mais o que já foi mas que se aproximou de Deus ao se afastar das relações sociais. Agora, imbuído dessa santidade, ele proclama sua nova condição ao ser apóstolo¹. Metáfora, aparentemente, mais do vocabulário de Verschuur, mas que transmite a essência de ser considerado uma pessoa com uma relação privilegiada com o sobrenatural, além da condição humana comum. Na verdade, nesse retorno à sociedade, a história capta claramente que a volta implica numa nova inserção social que ultrapassa a renúncia. Um exemplo de vida, no sentido da vida cristão mais ampla, que o autoriza de se pronunciar sobre todos os aspectos da vida social: uma postura que, numa determinada situação social lhe faz proibir pagar imposto. No caso, no resumo da história, a proibição reflete, como sinédoque, a autoridade religiosa geral. E, ainda muito resumidamente, de fato, foi depois dessas intervenções na vida social mais ampla que o Conselheiro acabou por acumular milhares de seguidores.

1-Sabemos que o Conselheiro negava um estatuto sobrenatural diferenciado e nunca se apresentou como sendo um santo ou um apóstolo em sentido restrito. Por outro lado, de forma semelhante ao processo legitimador desta história, se sentiu de algum modo uma autoridade religiosa que via como sua tarefa chamar a atenção dos cristãos para a verdadeira vida católica. Nesse sentido, se aproxima de um profeta, alguém com relação privilegiado com Deus e com a autoridade para ser chamada a corrigir os erros da vida social de sua época. Ser chamada de "Meu Pai Conselheiro" traduz sua atitude de possuir autoridade suficiente, 'paternal', para sua missão de pregar a modalidade correta da vida do cristão.

2-E, portanto, como já disse anteriormente, instaurar um regime religioso particular em Canudos, o que chamei de um regime de salvação, por ser esta a meta principal de uma vida regrada pelas injunções cristãs católicas (Reesink

A história reportada confirma, numa sequência compreensível, a lógica simbólica que fundamenta a autoridade do Conselheiro². Nessa carta, o autor fecha suas observações dizendo que é um mistério como, "nesse país fanático supersticioso", as coisas terminarão. Desde que nenhum seguidor se perde e visita sua vizinhança, contando milagres ainda mais espantosos, ele acredita que na sua região tudo permanecerá calmo. Leve ironia mas com certeza, também, alívio para conduzir seus negócios. A carta foi publicada em 19 de julho 1897, e deve ser escrita em média três meses antes, talvez, então, pouco antes da derrota de

Moreira César. A próxima carta, de 27 de setembro de 1897, deve ser escrita, então, em torno do fim do mês de julho, início de agosto, abre com notícias da quarta expedição:

Aqui está perfeitamente calmo; mesmo assim, a população permanece continuamente em tensão. Ainda que os poucos jornais, aqueles que chegam aqui, anunciaram que o Conselheiro foi derrotado perto Canudos, há dúvidas aqui sobre o fato se esta derrota tenha sido tão completa.

O general Artur Oscar saiu com três brigadas para enfrentar o inimigo; ele dispôs, além disso, de 3 metralhadores, 8 canhões Krupp e 1 canhão de calibre 32. Nos últimos dias de junho o Conselheiro ainda conseguiu capturar 26 cargas de farinha e milho; o batalhão que fazia a frente foi decimado. Na ofensiva subsequente tomaram Canudos. Pelo que parece, os eventos foram extremamente sangüinários, mas o Conselheiro parece ter feito um movimento circundante e ter ocupado as montanhas em torno, fazendo com que general Óscar e seus dez mil homens ficassem presos como numa ratoeira. Assim, pelo menos, se conta aqui, acrescentando que, nestes dias, 3 batalhões foram mandados para ajudar ou liberar o general Óscar" (Verschuur: 19).

Algumas informações mais precisas devem ter como fonte aqueles jornais que conseguiram chegar nesta região afastada, e com demora considerável. Depois as observações são postas no condicional, parecem ser mais inferências e boatos do que informação oficialmente liberada, tais como nos jornais censurados. Assim, o general tomou Canudos, mas, ao mesmo tempo, com todo seu poderio, ficou numa armadilha e em situação precária. Neste momento pode ter havido certa confusão sobre a "tomada", já que as notícias oficiais demonstravam otimismo e o morro defronte de Canudos ocupado, com algumas linhas chegando ao perímetro das casas. No entanto, sabemos que, realmente, a chegada da coluna vinda de Aracaju foi providencial para a situação periclitante do general Oscar e é isso que os boatos refletem. É interessante, aliás, porque comprova que o bloqueio de informações censuradas não obteve sucesso total,

3-Embora, militarmente, a ocupação do terreno da outra coluna conferia uma vantagem inconfundível e somente uma razão ponderante pode ser a causa do seu abandono. Os militares nunca admitiram com muita boa vontade e isenção seus erros e dificuldades.

mesmo longe do teatro das operações: o general mesmo sempre negou, posteriormente, que a sua situação chegou a ser insustentável e que precisou dos reforços da outra coluna para aliviar suas posições³. As outras batalhões mencionadas bem poderiam ser a brigada Girard, reforços substanciais efetivamente necessárias.

O resto da carta descreve festa de São João, contando, por exemplo, sobre a atuação dos graúdos do local. A carta seguinte ele pinta um retrato rápido da Bahia, sobre clima, ambiente, gente (índios, negros e outros selvagens desconhecidos não civilizados), a falta de educação formal (analfabetismo) e a hospitalidade generalizada de todo o povo. Nota, em particular, o catolicismo profundo, a importância da peregrinação para Bom Jesus da Lapa e como circulam histórias religiosas e sobrenaturais. "Cotidianamente ouve-se de eventos de espécie estranha, milagres inacreditáveis e aparições curiosas de espíritos" (Verschuur: 25). Com pouquíssima educação formal e informação muito precária sobre o resto do mundo, o autor ressalta um episódio que comprova uma maior impressionabilidade (naive) e, sem dizer isso claramente, parece sugerir que isto se relaciona com uma religiosidade que parece de uma supersticiosidade fanática infantil. O testemunho, mesmo crítico, não deixa de elencar fenômenos desta natureza com certa exatidão e, de qualquer forma, evidencia como toda a sociedade está impregnada pela religião.

A carta seguinte, publicada em 22 de dezembro, abre com a notícia mais importante, o fim da Guerra:

"Vitória! Vitória! Canudos caiu.

Ultimamente, começou a ficar unheimisch aqui⁴; começou a faltar víveres. Tudo estava sendo comprado para o exército. Ainda que não exista o perigo de uma onda de fome, mas os preços dos víveres subiram enormemente. Farinha, que três semanas atrás ainda estava à venda com 160 litros por 5 milréis, está custando agora 12 milréis. Milho,

4-"Unheimisch" está no original e significa uma expressão, em alemão, que se refere a uma situação que parece irreal, a uma qualidade de estranhamento da realidade cotidiana.

que costuma custar 6 milréis, agora está por 18.

Já que existe uma boa possibilidade de os preços ainda vão subir mais, adquirimos comida para nós e nossos cavalos para alguns meses e, agora, temos suficiente farinha, feijão, arroz e milho para aguentarmos. Agora que Canudos caiu, depois de alguns meses os preços, provavelmente, vão baixar de novo" (Verschuur: 30).

Para uma pessoa prática e refratária ao que considera excessos fanatismo religioso, os efeitos da Guerra de Canudos se fazem sentidos principalmente no nível do econômico e o ambiente social que afeta suas atividades costumeiras. O efeito da Guerra se deu em especial sobre o mercado de produtos agrícolas, das necessidades primárias da comida cotidiana, o que, provavelmente, causou certa dissatisfação numa população tão afastado do centro do conflito em que não parece estar envolvido de um modo muito engajado. Pelo menos, apesar das observações lacônicas, o autor não se refere ao partidarismos, contra ou a favor, mesmo que a história analisada favorece uma interpretação de que havia certa aceitação da santidade do Conselheiro. Também, não há nenhuma menção ao monarquismo ou ao contra-propaganda do 'perigo à jovem República'. De fato, ao rever todas as observações, ao seu ouvido só chegaram motivos religiosos para a rebelião, incorporando aí a recusa de pagar imposto (que indica uma causa mais econômica mas pouco significativo para um levante inteiro). Pode ser a inclinação do observador, mas também pode haver certa indiferença a um conflito tão distante, mesmo que potencialmente uma simpatia a um possível santo e contra os atos de um governo, que não brilha por eficiência nos relatos do autor, e que não parece ter sido visto com tanta simpatia. No final, ele termina afirmando que:

Quando chegou a notícia oficial do sucesso longamente esperado do governo, via-se caras alegres em todo lugar. As últimas lutas devem ter sido extremamente sangüinárias. Antônio Conselheiro foi morto, seu cadáver foi achado numa floresta, fotografado e, com isso, se provou certa e seguramente que, para sempre, o levante foi vencido. Vamos esperar que vamos, por enquanto, estarmos livres dessas pecuinhas

interiorianas; mas, como essas pessoas, com essa calor com que convivemos agora, conseguem lutar, para mim é um mistério.

É de desfalecer" (Verschuur: 30).

A alegria generalizada parece mais de alívio do término de uma luta tão prolongada e que afetou a vida no sentido negativo. Pelo menos, Verschuur mencionaria festas em nome da República na sua região, já que sistematicamente participava (e é convidado para tal) nos eventos públicos. Além disso, a ausência é significativo porque havia muitas festas e comemorações, a grande maioria religiosas. Além dos diversos efeitos negativos, o prolongamento da luta, a propaganda oficial e a distância do teatro de operações, podemos supor que os boatos paralelos tenham diminuído em frequência e conteúdo informativo na medida em que avançava o cerco da Guerra. Sente-se transparecer do relato que a relativa simpatia, nesta região muito distante (para os meios de viagem da época), não causava o mesmo fervor que no sertão de Canudos -- não há menção de gente que migrou para lá --, mas, em compensação, que a alegria do fim da Guerra também não entusiasmava em nome de uma República e o término de um regime religioso do Conselheiro. Para o autor, afora o mistério de lutar num calor a que regularmente se referia, a interferência no seu trabalho pesou, embora até o organizador do volume achou necessária uma nota para explicar que o Conselheiro não foi achado numa floresta e ele se pergunta se a descrição como "picuinhas" de uma Guerra de milhares de pessoas era devida ao understatement ou à precariedade das notícias (Verschuur: 209).

Verschuur narrava muitos episódios da sua vida cotidiana ou das aventuras de suas viagens. Destacam-se nos seus relatos a força da religião, a calamidade das secas (tudo girando em torno de água), a pobreza bastante generalizada (a seca deixando os fazendeiros totalmente empobrecidos), a população bem rarefeita dentro de um meio-ambiente não muito degradado e as distâncias e as dificuldades de viajar na região. Outros fatores que contribuíram, de alguma

forma, de fazer com que Canudos se transformou no que foi, também aparecem com menções no livro. Por exemplo, ele se reporta ao efeito da abolição do escravidão ter causado uma falta de mão-de-obra agrícola que deixou muitos terrenos férteis sem lavrar (Verschuur: 76)⁵. Antes de se referir pela última vez diretamente ao Conselheiro, um outro episódio religioso, numa localidade por onde passou, chamou sua atenção. Um pescador que fitava atentamente os rochedos do lugar, no cair da noite, se convenceu que uma das pedras tomava a forma de Nossa Senhora. Uma promessa feita no lugar a Nossa Senhora do Pesqueiro, de um homem que se supunha mortalmente ferido numa luta de faca, revelou a força da Senhora ao curar o homem. Construiu-se uma cerca em torno da ponta de pedra e toda noite pessoas rezavam na frente da pedra, afirmando-se que, raramente, a rocha se transforma e Nossa Senhora balançava a cabeça para a multidão. Atribuindo a regular surgimento destes fenômenos à falta de civilização da população, muito suscetível ao misterioso e estranho, somente em algumas vezes o movimento se consolidava, segundo o autor por falta de atração mais durável ou de competência do líder. Pelas comunicações extremamente precárias, qualquer notícia sobre um movimento só será conhecido quando já se consolidou:

"Entre outros, tal foi o caso do Conselheiro Antônio, que adquiriu um grande séquito antes que, de fato, a população civilizada da costa tomou conhecimento. Além do mais, o Conselheiro Antônio era um homem moderado, sem necessidades para si mesmo, impressionando assim, e que provavelmente acreditava ele mesmo no seu chamamento sagrado" (Verschuur: 102).

Mais uma vez, evidencia-se claramente como o autor percebe a religiosidade como vetor dos movimentos como Canudos. Mesmo que equivocado sobre o conhecimento da costa do Conselheiro, a sua afirmação confirma uma concepção geral da civilização costeiro versus o interior incivilizado. Provavelmente, essa sua opinião reflete uma concepção geral na

5-Além de outros comentários sobre a situação do negro e sua discriminação social e a decepção de uma ex-escrava com a vida liberta, já que as dificuldades de se sustentar se tornaram imensos e estragaram a nova vida (Verschuur: 94-95).

6-A descrição de sua visita a Bom Jesus da Lapa exemplifica todos estes pontos. A pobreza e a fome numa época de seca causava uma pobreza indescritível e miséria entre os mais pobres. Os famintos atacaram um boi do autor que morreu envenenado. Apesar de todas as suas tentativas de impedir a sua divisão pela multidão (salvando uma mulher porque lhe ofereceu outra comida), as pessoas brigaram entre si sobre os restos pretos do carcasso. No dia seguinte quatro pessoas morreram dos efeitos do consumo da carne, outros estavam doente ou morrendo. No retorno para sua casa, o autor mesmo quase morreu de sede. O desespero da situação lhe fez ficar doente e, praticamente, fugir de Lapa. E isso num local acessível por água para receber ajuda governamental (Verschuur: 141-151). Não é de surpreender, então, que as ações do Conselheiro em favor dos necessitados poderiam ressonar tanto.

sociedade baiana e o que ele via confirmado pelo caráter rústico da sociedade, longe das amenidades civilizadas (a mortalidade na seca aumentando por falta de transporte da última estação de trem), por a sua extrema religiosidade e pela irrupção constante de violência⁶. No caso, a liderança do Conselheiro, e isso parece, de novo, com certeza uma percepção resultante da sua imagem não oficial mas popular, se impunha pelo seu comportamento sóbrio e sua provável convicção de ser incumbente de uma missão sagrada. O holandês também era bastante sóbrio, no estilo de vida e nas suas reportagens, e não acreditou na versão oficial de um fanático com tendências de loucura para descrever alguém que reuniu tamanho séquito. O fanatismo em geral, por outro lado, ele não rejeitou, porque o viu, antes, no caso de um adorador exagerado de Maria e agora na aparição de Nossa Senhora:

"Uma vez que o pessoal do interior foi sugado pelo redemoinho fanático, as pessoas são extremamente sensíveis, e, quase sempre, deve correr sangue. A repressão da rebelião do Conselheiro Antônio custou rios de sangue e centenas de vidas humanas" (Verschuur: 102-103).

Aliás, talvez a menção de "centenas", ao invés de milhares, de mortos explique sua anterior referência diminutiva à Guerra. Quanto a sua percepção de quase sempre corre sangue, a violência intrínseca no sertão, pela honra, por bandidagem ou pela fome mesmo, é documentado ao longo do livro. E, embora não fique claro se conhecia casos anteriores de movimentos religiosos tais como Pedra Bonita, a história deste movimento tem sido uma longa série de repressões predominantemente violentas. Ele sabia que a morte era uma constante nesses sertões. As aparições de Pesqueiro ainda não adquiriram nenhuma feição ameaçador da ordem. Um padre rejeitou o fenômeno como superstição sem sentido, mas o povo não se impressionou com a negação oficial e estava em festa. O povo, semelhante a Canudos, a falta de aprovação clerical não impediu a adesão popular. Povo, aliás, consistindo somente de mestiços e negros em peregrinação,

sem a presença de brancos, normalmente os "graúdos" locais. Um popular duplamente 'popular', então, que se reuniu para ver a aparição no atardecer. Os brancos estrangeiros olharam atentamente para a pedra mas não conseguiram captar a metamorfose, a população presente, pelo contrário, concluiu, em júbilo, que a Nossa Senhora apareceu mais uma vez. Às vezes é preciso ter fé antes, uma fé forte anterior, para receber a imagem sobrenatural. Uma fé repartida nas camadas mais pobres da população que, aqui, não atingiu a proporção da fé no Conselheiro, quando este conseguiu ultrapassar, moderadamente, as barreiras classistas em torno do credo. Prudentemente, os estrangeiros se abstiveram de expressar sua incredulidade no meio da confirmação da irrupção do sagrado. Uma das pessoas mais enfáticas se dirigiu a eles:

"(...) 'Até agora nós temos adorado os santos feitos pelas mãos dos homens, mas agora sabemos melhor, porque este santo' -- e ele apontou a ponta de pedra -- 'é proveniente do céu!'" (Verschuur: 103).

A carta data do fim do ano de 1898 (publicado em 27 de fevereiro de 1899), pouco mais de um ano depois da destruição de Canudos. A forte religiosidade permanece, a aparição do sobrenatural irrompendo na realidade cotidiano ressurgue, a festa (com a cachaça) se realiza e a não aceitação da autoridade absoluta do padre continua. Um fator mudou, aquela que fecha a carta: no lugar de santo de madeira, ou de outro material confeccionado pelo homem, está uma pedra que se metamorfose em Nossa Senhora. Uma amálgama de natural com sobrenatural que só pode ser diretamente do céu. O centro do culto se tornou uma visão da Nossa Senhora, no momento em que o dia passa à noite e os olhos distinguem, depois da clareza dos fenômenos em relêvo contra a luz, menos. A indiferenciação na luz fraca possibilita a concepção de outras formas. O objeto de um culto desta natureza nunca pode ser igual à clareza e a materialidade de uma imagem ou de um Conselheiro: imóvel, não humano e passageiro. Desse modo, o culto difere de Canudos e não poderá se transformar num movimento

semelhante ao do Conselheiro. Talvez, a expressão do exaltado se contrasta com seu conhecimento sobre Canudos. Talvez, um dos efeitos da Guerra de Canudos implicou num deslocamento do objeto de culto: uma visão de uma Nossa Senhora do céu numa pedra num por do sol, ao invés de um Conselheiro em carne e osso atuante dia e noite na terra. Ou seja, a devoção não provocará a mesma reação belicosa que arrasou Canudos. Nossa Senhora e Bom Jesus da Lapa pertencem a categorias de devoção bem menos perigosas socialmente e, dessa maneira, um dos efeitos posteriores da Guerra de Canudos possa ter sido um deslocamento para outras formas de adoração religiosa.

BIBLIOGRAFIA CITADA

VERSCHUUR, Nicolaas. *Brieven uit Brazilië*. Organizado e introduzido por August Willemssen. Amsterdam, Uitg. De Arbeiderspers. 1989.